

SINTAXE FUNCIONAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CLÁUSULAS FINAIS E TEMPORAIS

Mariléia Silva da ROSA; Tatiana Schwochow PIMPÃO (Fundação Universidade Federal do Rio Grande)

ABSTRACT: *the object of study in this work is the analysis of the final and temporal adverbial subordinated clauses, for its mobility that allows to dinamize the text, making it more fluent. For this, the linguistic functionalism, whose purpose is identify the rules that regulate the functioning of the language, was chosen as theoretical support.*

KEYWORDS: *mobility; functionality; dynamism*

0. Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo estudar as cláusulas subordinadas finais e temporais, considerando o contexto discursivo. Nesse sentido, as cláusulas contribuem para a promoção da articulação textual, evidenciando o dinamismo do texto. Para esse estudo, a linha teórica escolhida foi o Funcionalismo Lingüístico, o qual prevê o contrato comunicativo, por suas regras emergirem do uso, serem provisórias e adaptáveis às necessidades comunicativas.

1. Fundamentação teórica

O funcionalismo lingüístico, o qual foi escolhido como embasamento teórico, vê a língua como instrumento de interação social, que é o estabelecimento de comunicação entre os usuários, diferenciando-se da gramática tradicional que vê a língua como um objeto formal abstrato, preocupando-se apenas com a nomenclatura e a classificação, desconsiderando a mobilidade das cláusulas que favorecem a compreensão do texto.

O estudo sobre a gramática funcional deve abranger as regras, princípios e estratégias que governam o uso comunicativo, isto é, perceber o nível maior que a frase ou contexto significam, observando também a intenção e a materialização do emissor e do receptor. Portanto, as expressões lingüísticas poderão ser compreendidas se consideradas no seu funcionamento no contexto, em que a resposta será determinada pela informação contextual (pragmática=redações) e situacional (conhecimento de mundo).

Partindo do pressuposto de que na gramática (paradigma) funcional a pragmática é vista como um quadro abrangente no qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas, podemos dizer que a pesquisa que está sendo feita analisa a sintaxe dentro do contexto, que são as produções textuais escritas (redações). Enfim, no funcionalismo lingüístico nós partimos de um estudo pragmático analisando, primeiramente, o contexto, após percebemos o sentido (semântico) e, por fim, a sintaxe, que são as cláusulas. Somente assim este estudo será pertinente ser feito, porque o resultado das variáveis observadas só será encontrado após ser compreendida a interação do contrato de comunicação.

A gramática funcional tende a tomar a semântica como base. Essa gramática vê a língua como um sistema aberto relacionado com as funções comunicativas e interativas, buscando explicações fora do sistema, isto é, está sempre adaptando, mudando, pois há outros fatores que influenciam, que condicionam as escolhas lingüísticas.

Outra situação importante a ser mencionada é que a gramática funcional é uma atividade no tempo real, provisória, pois se a tendência das cláusulas apresentarem um resultado hoje, neste objeto de estudo (*corpus*), amanhã, ou em entrevistas orais pode ser outro. Está sempre sujeita a mudanças, adaptações, pois são regras que regulam o uso e emergem do discurso.

Sendo assim, concluímos que, para que haja uma comunicação entre o emissor e o receptor, há um processo mental (cognitivo) entre ambas as partes através do material lingüístico, em que o primeiro codifica em estrutura lingüística e o segundo decodifica essa estrutura para chegar a uma intenção comunicativa. Assim, a análise se dá contextualmente, tendo como ponto de partida o discurso. Para melhor compreendermos essa teoria, faremos um breve comentário sobre alguns dos princípios funcionalistas.

2. Princípios funcionalistas

2.1. Princípio da marcação

O conceito é dependente do contexto, no sentido de que uma construção pode manifestar-se como marcada em um contexto e não-marcada em outro.

Esse princípio possui três critérios para definir um item marcado: complexidade estrutural, frequência de distribuição e complexidade cognitiva. O item marcado é mais complexo em termos estruturais e cognitivos e é menos freqüente em seus pares. Isso significa que nas cláusulas temporais esperamos que o tipo de discurso seja narrativo, caso não seja, quebra nossa expectativa e, através dessa mudança, nós teremos um processo mental maior ainda para entender, o que pode ser considerado marcado.

Dessa forma, podemos dizer que a categoria não-marcada é mais previsível e mais esperada, o que acontece com as cláusulas finais que, segundo a pesquisa desenvolvida, são 100% argumentativas. Então, estas são (-) complexidade estrutural, (+) frequência de distribuição e (-) complexidade cognitiva no texto argumentativo. Já nas cláusulas temporais, em que o texto é narrativo, o conector “quando” é mais usado e, portanto, menos marcado¹.

2.2 Princípio do estatuto informacional

Partindo do conceito de que as regras gramaticais emergem do uso e de que devemos sempre olhar para o contexto (paradigma), uma vez que a língua é o instrumento que estabelece relações comunicativas entre os usuários, devemos sempre observar a expressão lingüística como mediação entre a intenção do falante/escritor e a interpretação do destinatário.

Esse princípio comunicativo pressupõe a intenção do emissor (processamento mental), codificando em estrutura lingüística (significado); em contrapartida o receptor decodifica essa estrutura para chegar a intenção comunicativa. Um tenta se fazer entender e o outro tenta entendê-lo. Assim, a análise se dá contextualmente, tendo como ponto de partida o discurso (coerência) e o conhecimento compartilhado.

Sendo assim, a informação velha tende a aparecer anteposta à cláusula matriz, resgatando o que já foi mencionado antes, e a informação nova tende a aparecer posposta, inserindo algo que ainda não foi mencionado.

2.3 Princípio da linearidade

Tal princípio apresenta a linearidade dos fatos, isto é, a cronologia em que os fatos se apresentam. Por exemplo, a informação velha tende a aparecer anteposta à cláusula matriz, resgatando informação velha, ou posposta, inserindo informação nova.

Essas situações tendem a acontecer nas cláusulas finais. Já nas cláusulas temporais, há um desvio desse princípio, no sentido de que essas cláusulas não obedecem a ordem linear, apresentando-se antepostas e com informação nova, o que, segundo Gorski (2000), é uma das estratégias lingüísticas para se garantir a continuidade temática no discurso. Além disso, a anteposição, normalmente, é inibida quando essa cláusula traz um tópico referencial descontínuo em relação ao discurso precedente.

Enfim, a cláusula subordinada adverbial final obedece ao princípio da linearidade, enquanto que a temporal não, provavelmente por indicar haver um contexto específico que intensifica a anteposição, restringindo fortemente a posição.

3. Metodologia

A proposta nesta pesquisa foi investigar um grupo de variáveis dependente, que é o tipo de cláusula (final ou temporal) e os demais grupos independentes, que são os seguintes: tipo de discurso (argumentativo ou narrativo), tipo de cláusula (final ou temporal), posição (anteposta, intercalada, posposta), estatuto informacional (informação nova, inferível, velha), marca formal (presença ou ausência de sujeito), flexão verbal (1ª, 3ª, 4ª, 6ª pessoa) e tipo de oração (desenvolvida ou reduzida).

Tais variáveis foram rodadas no programa estatístico computacional VARBRUL que mostra os resultados e quais grupos de fatores condicionam uma ou outra variável dependente.

Para isso, utilizamos produções textuais dos dois últimos anos do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries) sem exigência do tema dissertado nem do tipo de texto (argumentativo ou narrativo), isto é, os dados coletados (redações) já estavam prontos quando foram colhidos. A quantidade de dados está em 264, sendo 124 cláusulas subordinadas adverbiais finais e 140 cláusulas temporais.

4. Análise de Dados

¹ Esse indício que marca a temporalidade existe, segundo Silva (2006), desde o período arcaico, século XIII e XV, como categoria menos marcada, mas usual.

Na teoria utilizada como suporte para este trabalho, as regras são descritas a partir do uso, o que significa perceber a língua em uso e captar as regras de seu funcionamento, o que foi feito com os dados analisados.

A seguir, serão expostos alguns exemplos obtidos nas produções textuais analisadas, informando o título da redação e, após, indicando a porcentagem dos resultados através de gráficos, o que facilita a compreensão do estudo comparativo entre as cláusulas finais e temporais.

Título: Meus objetivos

“Tenho o objetivo de me formar em Direito, mas ¹[para que isso aconteça], preciso estudar muito. (...) Estou me esforçando ²[para ser uma ótima aluna]”

Título: Amigo da onça

³[Quando eu estava na Europa] arrumei um amigo que dizia que era meu amigo (...) um dia fiquei sabendo que ele fumava e ⁴[quando ele estava lá em casa] ele me ofereceu um cigarro mas não aceitei.

Título: Ser um amigo de verdade

⁵[Quando ela tiver com problemas difíceis], um amigo pode ajudar dando confiança, ajudando ela a pensar em coisas boas.

Título: Comportamento na sala de aula

Eu sou conversador, bagunceiro. ⁶[Para eu melhorar], tenho que diminuir a conversa, ser menos bagunceiro.

Título: Meu comportamento na sala de aula

Eu acho que eu tenho que respeitar a professora ⁷[quando ela estiver explicando a matéria].

Título: O que fazer para melhorar

(...) fazer isso tudo agora, ⁸[para não me arrepender mais tarde].

A partir dessas análises, as variáveis consideradas foram:

Exemplo	Tipo de Cláusula	Tipo de Discurso	Posição	Estatuto Informacional	Tipo de Oração
1	Final	Argumentativo	Anteposta	Informação Velha	Desenvolvida
2	Final	Argumentativo	Posposta	Informação Nova	Reduzida
3	Temporal	Narrativo	Anteposta	Informação Nova	Desenvolvida
4	Temporal	Narrativo	Anteposta	Informação Nova	Desenvolvida
5	Temporal	Argumentativo	Anteposta	Informação Nova	Desenvolvida
6	Final	Argumentativo	Anteposta	Informação Nova	Reduzida
7	Temporal	Narrativa	Posposta	Informação Nova	Desenvolvida
8	Final	Argumentativa	Posposta	Informação Nova	Reduzida

Quadro: 01 – Variáveis controladas

Estes trechos analisados são fragmentos de redações, nos quais são analisadas as variáveis de acordo com o contexto, isto é, a análise é feita a partir de toda a redação e não só apenas do trecho. Portanto, no primeiro exemplo, a cláusula subordinada adverbial “para que isso aconteça” aparece anteposta à cláusula matriz, pois, se fizermos a inversão, perceberemos que ficaria “preciso estudar muito para que isso aconteça”. Esta cláusula subordinada final apresenta um discurso argumentativo e traz uma informação velha, uma vez que “isso” refere-se ao objetivo de se formar em direito. Sua estrutura é desenvolvida, pois apresenta, além do verbo conjugado, um conector explícito (que). No segundo exemplo, a cláusula subordinada final está na posição posposta à cláusula matriz, inserindo uma informação nova e com o tipo de oração reduzida, uma vez que o verbo está no infinitivo.

Ainda em relação aos exemplos, o terceiro apresenta uma cláusula subordinada temporal anteposta à cláusula matriz, pois se invertermos as cláusulas ficará: “arrumei um amigo quando eu estava na Europa”. Esta cláusula temporal traz uma informação nova (não mencionada antes no contexto), um discurso narrativo e sua oração está desenvolvida. O quarto exemplo segue a mesma ordem do terceiro. Já o quinto exemplo, diferencia-

se dos dois anteriores por apresentar um discurso argumentativo “um amigo pode ajudar dando confiança quando ela estiver com problemas difíceis”.

No sexto exemplo, a cláusula é final e sua informação aparece anteposta à cláusula matriz, introduzindo uma informação nova, uma vez que esta informação não aparece dentro do contexto anterior da redação. O tipo de discurso é argumentativo e a oração é reduzida de infinitivo, pois o verbo está no infinitivo e o pronome relativo “que” não aparece, isto é, quando a cláusula final está reduzida, o conector “que” desaparece. Já no exemplo sete, a cláusula subordinada adverbial é temporal, apresentando um discurso narrativo. Está na posição posposta em relação à cláusula matriz, com o tipo de oração desenvolvida e codificando informação nova. O último exemplo, é uma cláusula adverbial final, apresenta o tipo de discurso argumentativo, a informação nova, na posição posposta à cláusula matriz e com o tipo de oração reduzida.

Em relação ao *corpus*, foram encontrados dados, cujos resultados estão apresentados nos gráficos a seguir. Esses resultados foram obtidos através do Software VARBRUL. Para melhor esclarecimento das variáveis apresentas nos gráficos, este quadro informa os códigos utilizados.

Código	Tipo de Discurso	Código	Posição	Código	Estatuto Informacional	Código	Tipo de Oração
a	Argumentativo	A	Anteposta	N	Nova	D	Desenvolvida
n	Narrativo	I	Intercalada	i	Inferível	R	Reduzida
		P	Posposta	V	velha		

Quadro: 02 – Códigos das variáveis

Esse quadro refere-se às variáveis analisadas nos gráficos, em que “a” significa discurso argumentativo e “n” narrativo. Em relação à posição, “A” representa a anteposição, “I” intercalada e “P” posposição. Quanto ao estatuto informacional, “N” é informação nova, “i” inferível e “V” velha. O tipo de oração aparece desenvolvida “D” ou reduzida “R”.

Segue abaixo a representação estatística e comparativa dos dados analisados:

Gráfico 1: Cláusulas Finais e Temporais e o Tipo de Discurso

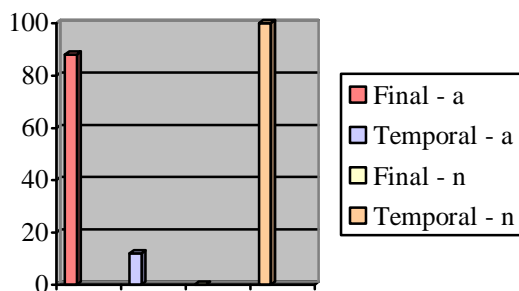


Gráfico 2: Cláusulas Finais e Temporais e a Posição

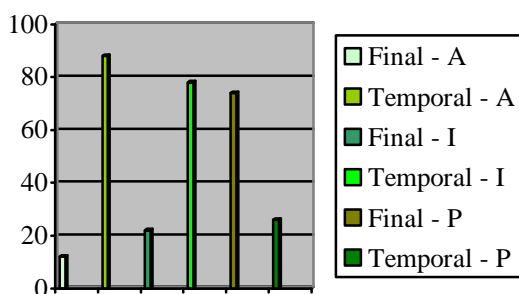


Gráfico 3: Cláusulas Finais e Temporais e o Estatuto Informacional

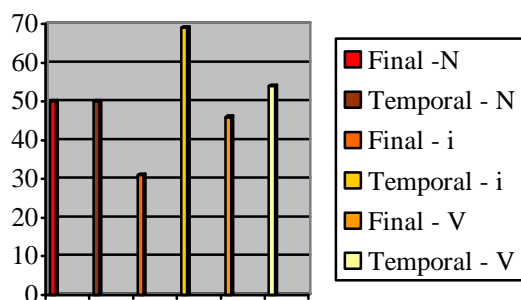
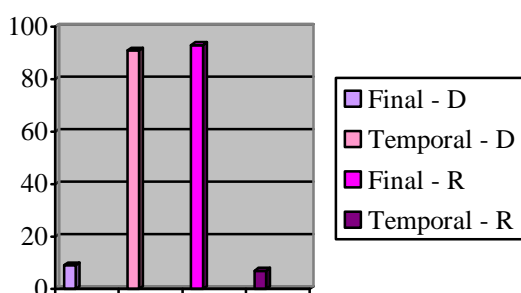


Gráfico 4: Cláusulas Finais e Temporais e o Tipo de Oração



Para tal estudo, foram analisados 264 dados, os quais estão divididos entre cláusulas subordinadas adverbiais finais e temporais.

A partir dos gráficos acima, é possível perceber que 88% são cláusulas finais com discurso argumentativo e 12% temporais. Em relação ao discurso narrativo, 100% são cláusulas temporais. O segundo gráfico está representado pelas cláusulas subordinadas adverbiais finais e temporais e a posição. São finais antepostas 12% e temporais 88%; finais intercaladas 22% e temporais 78%; finais pospostas 74% e temporais 26%. O gráfico três apresenta as cláusulas em análise e o estatuto informacional. Nesse, são informação nova 50% cláusulas finais e 50% temporais; 31% são inferível final e 69% temporal; 46% são informação velha final e 54 temporais. Por fim, no último gráfico, temos o tipo de oração, em que são 12% desenvolvidas finais e 91% temporais; 93% reduzidas finais e apenas 7% reduzidas temporais.

Os resultados têm demonstrado que a tendência da cláusula final é aparecer em discurso argumentativo, na posição posposta e na forma reduzida de infinitivo. Já na cláusula temporal, a tendência é ser fortemente favorecida pela narração, aparecendo anteposta e com o tipo de oração desenvolvida. A análise ainda evidencia que as cláusulas finais ocorrem com mais frequência pospostas à cláusula matriz, apresentando uma informação nova. Quando ocorrem antepostas, codificam informação velha. Já as temporais, tendem aparecer na posição anteposta, codificando informação nova.

Em relação aos princípios funcionalistas, podemos dizer que as duas cláusulas em análise obedecem ao princípio da marcação. Já no que se refere à tendência, concluímos que a cláusula subordinada tende, na posição posposta, seguir a ordem dos fatos (princípio da linearidade), enquanto que, na posição anteposta, segue o princípio da informação. A partir disso, consideramos até o momento que a cláusula final é regulada pelo princípio da informação, enquanto que a cláusula temporal transgredir os dois princípios, pois se apresenta na posição anteposta inserindo informação nova.

5. Considerações finais

A gramática funcional prevê a regularidade do uso, por sua linguagem ser considerada uma expressão do processo social. A partir disso, concluímos que a funcionalidade das cláusulas subordinadas adverbiais finais e temporais, por sua mobilidade, promovem a dinamicidade textual, introduzindo informação nova e resgatando informação velha.

RESUMO: o objeto de estudo neste trabalho é analisar as cláusulas subordinadas adverbiais finais e temporais, por sua mobilidade que permite dinamizar o texto, tornando-o mais fluente. Para isso, foi escolhido como suporte teórico o funcionalismo lingüístico, cujo pressuposto está em identificar as regras que regulam o funcionamento da língua.

PALAVRAS-CHAVES: mobilidade; funcionalidade; dinamismo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GORSKI, Edair. Motivações discursivas em competição na ordenação de orações temporais. In: *Letras de Hoje*, v.35. Porto Alegre: PUCRS, 2000. (p.97-120).
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006 (p. 183).
- NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática de usos é uma gramática funcional. In: *ABRALIM*, Boletim 19, dezembro 1996 (p. 27-38).
- _____. A gramática funcional. In: *ABRALIM*, Boletim 15, julho 1994 (p. 67-73).
- _____. _____. 1ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PAIVA, Maria da Conceição de. Anteposição/posposição de cláusulas causais: duas faces da mesma moeda. In: *ABRALIM*, Boletim 15, julho 1994 (p. 53-58).
- PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999. [dissertação de mestrado].
- ROSA, Mariléia Silva da. Fluxo discursivo: um estudo das cláusulas finais. In: *IV Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino*, Pelotas: UCPEL, 2006.
- VOTRE, Sebastião Josué; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. “Funcionalismo e gramática”. In: *DELTA*, vol. 13, nº 2, 1997 (p. 331-340).